

Maquiavel; vida, ideias, sua “História de Florença”

Nelson Mello e Souza
Ex-Chanceler da Universidade Estácio de Sá;
Membro da Academia Brasileira de Filosofia

O ano em curso, 2013, marca 500 anos da conclusão de um dos livros mais bem considerados pelo pensamento político moderno, *O Príncipe*. O fato nos leva a reverenciar seu autor, o humanista e diplomata florentino Nicolo Machiavelli.

Em sua vida pública foi sempre aluno astuto da existência. Observou com melancolia as lutas políticas na Florença de seu tempo. Suas obras, escritas nos últimos 15 anos de vida, construíram sua glória póstuma, a única realidade que a morte não logra derrotar. Consolidou o mito e projetou sua *persona* como profundo psicólogo do poder. Pode-se dizer que Maquiavel intuiu as autocracias do século XX, a deformação plutocrática da democracia de massa, os riscos do populismo que a seu ver é construção política fugaz se não lograr o respeito efetivo do povo além de revelar, com quatro séculos de antecedência, o estilo de ser, egocêntrico e perverso do poder financeiro na geração das crises do milênio atual.¹

Maquiavel nasceu em Florença no ano de 1469, mesmo ano em que Lorenzo de Medici, como governante, assumia o poder da cidade. Ao esmagar, cerca de 10 anos depois, com audácia e ferocidade a conspiração da família rival dos Pazzi, em 1478, Lorenzo emergiu do tumulto com liderança consolidada. Tornou-se “Príncipe” temido e respeitado. Bem mais adiante, já adulto, Maquiavel refletiu sobre seus feitos, ocorridos quando ainda era menino. O exemplo de outros líderes seus contemporâneos, como César Borgia, o Papa Júlio II e tantos *condottieri* brutais herdeiros de dinastias legitimadas, como os Este, os Galeazo, os Sforza, os Montefeltro refinaram sua imagem do comportamento padrão dos poderosos.

Os Medici como os Cerchi e os Donati; os Pazzi e os Buondelmonti; os Soderini e os Gherardini, desde há muito se haviam fixado como família proeminente de Florença. A partir do século XV, a ação decidida do patriarca Giovanni lhes permitiu dominar a política da cidade, aumentando imensamente sua riqueza. Tiveram a sorte da continuidade geracional. A Giovanni seguiu-se o talentoso, Cosimo, avô de Lorenzo. Manteve-se no poder por cerca de 30 anos antes do nascimento de Maquiavel. Seu neto talentoso, Lourenço, o Magnífico foi o ponto alto da família. Os Medici ultrapassaram em glória e respeito, as fronteiras de Florença. Com a articulação eficiente de casamentos estratégicos chegaram até à Casa Real da França. Uma de suas descendentes, Catarina de Medici, assumiu o controle do Estado francês em fins do século XVI.

Sob a sombra dos Medici e suas lutas Maquiavel passaria a vida e padeceria os tormentos que marcaram o seu fim.

O século XV, até pelo menos o primeiro quarto do século XVI foi uma época de sangue e fúria não apenas na Itália, mas em toda a Europa do Ocidente. Ao Leste, as guerras da expansão dos turcos

otomanos e a surpreendente queda de Constantinopla em 1453. Mais acima do mapa europeu, a dinastia francesa, superado o conflito de um século com a Inglaterra, iniciava sua expansão. Sob Carlos VIII, principalmente com seu sucessor Luís XII invadiu a Itália. As dissensões internas somadas as disputas entre cidades por hegemonias regionais e privilégios comerciais favoreciam as invasões nessa Itália desunida. Luís XII, por exemplo, foi estimulado por Veneza a invadir a Lombardia. Uns contra os outros, buscando alianças externas, esses clãs fragmentaram a Itália transformando-a em uma região retalhada em pedaços de ódio e desordem. O lamento nacionalista de muitos patriotas desconsolados, Maquiavel entre eles, sintetizou a imagem que lhes escapava, a de ser possível reconstruir a coesão da antiga república romana. Ante os fatos, acabou se transformando em utopia delirante.

O que era afinal essa Itália que surgia da desagregação do Império? Ao Norte a Lombardia, sob o domínio de Milão, a Leste Veneza, com seu controle das cidades e das rotas do Mediterrâneo oriental; na costa ocidental Gênova centro bancário e mercantil cercada de pequenas cidades dependentes. Mais para o centro, na Toscana, Florença surgia como o poder regional mais importante, em conflito com Pisa, Pádua e Lucca para sustentar sua hegemonia. Mais abaixo os Estados Papais. Ocupavam a extensa região da chamada Romanha, dividindo a Itália pelo meio. Davam à Igreja importante papel na luta pelo poder interno. Abaixo deles todo o Sul constituía o Reino de Nápoles que o século dividiu entre o poder normando e mais adiante o espanhol de Aragão.

No resto da Europa a situação não era melhor. Lutas entre condados e ducados, além das realezas empenhadas em sua consolidação criavam guerras frequentes e tumultos persistentes. Empobreciam as massas,

desvalidas, sem apoio, sofriam com as invasões, a perda das colheitas, os tormentos e os medos, os estupros, os surtos de fome comuns em suas pequenas aldeias. Adensou-se uma atmosfera de pessimismo ante a vida. Um espantoso culto da morte acabou sendo popularizado e transformado em ritual popular com a famosa *danse macabre*. Nas visões de inferno que vemos nas telas de Hyeronimus Bosch, um misticismo complicado e delirante ganhava o imaginário coletivo.

Nesse caldeirão preparava-se o tempero da reforma e das lutas religiosas que a ela se seguiram. Maquiavel ainda viveu o suficiente para ver a ira de Lutero contra a devassidão e os abusos econômicos do Papado. Em seus anos finais testemunhou a duplicação do mundo conhecido, processo do qual sua Florença teve alguma participação. As novas terras descobertas foram batizadas a partir dos relatos de um aventureiro florentino Américo Vespúcio. Este protegido dos Medici e conhecido por ser primo da bela Simoneta, inspiradora da *Vênus* de Botticelli, foi figura importante em todo o movimento de conquista.

Era evidência de que sua gloriosa Itália, mesmo dividida e devastada, lograva se impor na luta pelos mercados emergentes e Florença, como Gênova e Veneza, através de suas classes financeiras, ocupava papel importante no processo. Assim como já ocupava no desenvolvimento das artes, da ciência e do saber humanístico. Nem o desvario das lutas dos clãs impediram o surgimento de poetas talentosos como Dante e Petrarca, além de estadistas do porte de Coluccio Salutati. Florença era uma fonte de gênios. Especialmente nas artes plásticas. Desde o século XIV, já havia sido fixada sua imagem como centro cultural decisivo.²

Maquiavel com sua postura crítica, sua prática perseverante da *contraria professione*, termo usado por ele para definir-se como pensador em

constante conflito com as ideias herdadas do passado, era um filho legítimo dessa Florença renascentista.

Sua postura ética impecável desafia interpretações deformadas. Apesar de seus 14 anos de poder, Maquiavel teve uma velhice sem maiores recursos, a ponto de seus amigos se empenharem em reconciliá-lo com os Medici. Por tudo isso não é perdoável insistir em vê-lo como defensor de éticas viciadas pela corrupção dos valores. Sabemos que a má leitura é um privilégio da glória póstuma, pois só simplificando um autor é possível sua fixação na memória popular.

Devido a esta má leitura Maquiavel ganhou a consagração que seu nome desfruta. *O Príncipe*, é, hoje em dia, texto obrigatório em cursos de Ciência Política e Administração Estratégica, motivo de peças teatrais, citado, admirado, reverenciado como mestre do pragmatismo ético. Inspirou um qualificativo famoso, o “maquiavélico”, símbolo da esperteza safada, da astúcia dirigida para o benefício próprio, do uso do engodo e da falsidade para se lograr o que se deseja, seja a riqueza, seja a escalada social, seja até o amor.

Maquiavel não deve ser reduzido a isto. Passando para a história como sinônimo de um conselheiro astuto de tiranos sem escrúpulos, praticante da pedagogia do mal, negligenciou-se o que sempre defendeu, o bem comum, o valor da liberdade, da democracia por ele chamada de “República”. Seus críticos parecem esquecidos de que seus livros políticos não são normativos, são realistas. Resumem a visão neutra de um estudioso que tinha a coragem de dizer o que a cultura política de seu tempo praticava sob o manto da hipocrisia. Maquiavel convivera com os bastidores do poder, testemunhara as ações da elite. Jamais pretendeu transformar a ética deste mundo em

norma de conduta para a vida comum. Tudo o que fez foi descrevê-la anotando os casos em que se torna socialmente necessária.

Pouco se sabe de seus anos formativos. Sabe-se, no entanto, que sua família, embora não sendo nobre, sem o *status* dos chamados *ottimati*, a elite do poder florentino, era tradicional e relativamente rica.³

Bernardo Maquiavel, seu pai não pertencia ao lado mais opulento do clã. Homem sóbrio, cuidou de dar ao filho educação adequada. Tinha excelente biblioteca clássica. Notemos que à época o livro impresso ainda não era comum. Afinal só a partir de 1460, começou a chegar, pouco a pouco, ao mercado comprador. Os manuscritos em cópia personalizada predominavam. Entre eles as verdadeiras obras de arte que eram as iluminuras ou ilustrações em cores desenhadas. Eram raros e caríssimos. Seu pai, portanto, deve ter gasto boa parte do que tinha na formação dessa biblioteca. Nicolo jamais deixou de com ela conviver. Lia com frequência quase obstinada os grandes autores, os poetas, os filósofos, os historiadores antigos, os autores italianos. Não era um homem *sanza lettere*, expressão que significava autodidata, usada como ironia da mediocridade para diminuir seu genial contemporâneo Leonardo Da Vinci. Fora, durante anos, orientado por competentes preceptores e com eles aprendeu o suficiente para formar sólida cultura humanística.

A partir da queda de Savonarola, em 1498, Maquiavel emergiu para a vida política. A morte de Lorenzo o Magnífico em 1492, deixou o poder entregue ao filho Piero. Sua liderança frouxa foi incapaz de enfrentar o tumulto da invasão francesa dois anos depois. Ao tentar conciliar com Carlos VIII gerou antagonismos internos que não foi capaz de controlar. O dominicano Savonarola, homem astuto, ambicioso, de retórica inflamada e carisma irresistível, aproveitou a situação e liderou um movimento de tomada de poder. Expulsou os Medici

de Florença e assumiu o controle absoluto da cidade. Seus excessos de fanático religioso com sua crítica feroz ao Papado, acabaram por miná-lo. Seu arqui-inimigo, o Papa Borgia Alexandre VI, aproveitando o desconsolo do povo articulou sua derrubada e estimulou seu assassinato. Na sequência os responsáveis pelo comando da situação trataram de encontrar nomes capazes de assumir os encargos da administração. As circunstâncias favoreceram Maquiavel.

Florença vivia um vazio de poder com as repercussões do exílio dos Medici que sempre conspiravam sem cessar; a crise da queda de Savonarola, acima de tudo, as lutas internas dos clãs dominantes.

O novo Conselho indica o jovem Maquiavel para ocupar um cargo na Chancelaria de Florença. Como a indicação não tinha o apoio ostensivo de grandes nomes locais, a curiosidade sobre o fato é legítima. Mas há explicações plausíveis.

Florença era cidade fortemente hierarquizada. Pequena, bem pequena para os padrões atuais, cerca de 50 mil habitantes, com ruas medievais estreitas, contrastando com praças, palácios, catedrais e igrejas magníficas, além de mansões imensas da nobreza. Seus locais de encontro eram poucos. Os membros da elite nobre, da religiosa, literária e artística se conheciam entre si. Não chegava a ser surpreendente que um jovem talentoso, com verve e palavra astuta, ganhasse certa reputação. E conquistasse o respeito de muitos intelectuais. Sem dúvida foi o que ocorreu com o jovem Maquiavel. Nas conversas frequentes inspirava confiança por sua desenvoltura no diálogo, sua argúcia de análise, e consistência de opiniões. O apoio da inteligência florentina sem dúvida foi elemento-chave para sua indicação. Maquiavel foi nomeado para ocupar um cargo delicado de diplomata em uma era de tumultos e negociações difíceis, inclusive com a França.

Na sequência, sua mítica deusa “fortuna” o ajudou ainda mais. Seu amigo e admirador o importante Pietro Soderini, membro de família *ottimati*, acabou assumindo o poder em 1502. O fato só fez consolidar as posições públicas de Maquiavel. Tornou-o uma espécie de *consigliere* principal da Signoria.

Nesse cargo teve inúmeras oportunidades de viagens e contatos com os grandes nomes da época, conheceu e conviveu profissionalmente com César Borgia, Maximiliano, Luís XII da França, os Sforza, os Este de Ferrara, os grandes de Lucca, de Pisa, de Urbino, com a Condessa de Forlì que tanto o impressionou por sua *virtú*.

Por cerca de 14 anos, de 1498 até o retorno dos Medici em 1512, Maquiavel esteve ativo, no centro do poder florentino.

Ao dar aos fatos que vivia consistência teórica e comparativa pertinente, ao ver como os poderosos, em função da variação de circunstâncias não podiam ter qualquer compromisso com a própria palavra empenhada, Maquiavel foi consolidando sua teoria do poder e da condição humana. Admitiu até, de forma estranhamente simplificada, que os “homens são maus”.⁵

A *História de Florença* é sua última obra. Resultou do empenho de amigos, como foi referido anteriormente, para auxiliá-lo com modesta fonte de remuneração suplementar. Influíram para que o Cardeal Giulio de Medici se interessasse por dar-lhe um contrato e ainda lograram que esse contrato tivesse a aprovação do governo. Isso foi feito em 1520. A obra seria terminada alguns anos depois.

Desde logo, no entanto, a despeito de sua posição vulnerável Maquiavel não conciliou mostrando independência e originalidade.

No proêmio de sua *História de Florença*, indicou posição teórica em divergência com a posição da historiografia tradicional. Contestou-a, usando de sua prática habitual, a *contraria professione*.

Assim já havia procedido antes. Ao redigir *O Príncipe*, inovou, contrariando o normativismo ético que dominava as análises do poder. Era o que se fazia para orientar o comportamento dos Príncipes, desde os filósofos gregos a seus herdeiros italianos, Bartolomeu Platina e Francesco Patrizi. Maquiavel considerava esses textos um produto de pensadores sem experiência porque sem contato direto com a realidade do poder. Seu objetivo, como dizia no Livro I, Capítulo XV do *O Príncipe*, era descrever a “realidade efetiva”.

Agora, incumbido de escrever uma obra histórica, propunha algo que lhe parecia, e de fato também o era, inteiramente original. Tomou como exemplo do lugar comum o trabalho de seus colegas Leonardo Bruni e Poggio Bracciolini, ambos autores de conhecidas histórias de Florença. Não via em ambos mais que análises de guerras e conflitos externos com suas ações decorrentes em âmbito interno. Eram escritores de grandes “gestas”. Nenhum dos dois deu qualquer importância a presença atuante das guildas, núcleos de decisões mercantis, como centros de ação política. Tampouco destacaram as constantes e diuturnas lutas entre as famílias dominantes. Da mesma forma contestou os clássicos como Heródoto, Tucídides, Políbio, até mesmo seu admirado Tito Lívio, pelo fato de reduzirem o estudo da história a períodos curtos, acima de tudo a tempos muito próximos dos que ainda viviam ou até mesmo contemporâneos a suas vidas como o fez Tucídides com a Guerra do Peloponeso e Políbio com a ascensão de Roma. Maquiavel, ao contrário, se estende no tempo. Vai situar a gênese de Florença no século II a.C.⁶ Suas vistas abrangem cerca de um milênio. Indica-nos sua origem na região conhecida como o

antigo centro mercantil de Fiesole, situado nas montanhas próximas ao Arno. Florença vai surgir como anexo à montanhosa Fiesole.

Maquiavel vai seguir seu relato descrevendo fatos que colaboraram para seu ulterior desenvolvimento. Analisou o processo de decadência do Império, para ele devido ao desacerto decisório dos imperadores sem carisma e sem talento, a partir de Cômodo, o filho de Marco Aurélio.

Com esse tipo de análise inova uma vez mais. Assenta as bases da moderna teoria da ação social. E da função criativa da liderança. Sua análise da desagregação é importante porque nela se origina a independência relativa das diversas cidades italianas. Incluindo-se Florença. Refere-se também ao destino de outras cidades, entre elas Milão, focalizando principalmente Veneza devido a comprovação do que veio a chamar de *virtú*, palavra camaleônica em Maquiavel. No caso, resumia a ação decidida e valente das populações fugidas das violências dos bárbaros para sobreviver em região pantanosa e difícil. Ergueram, a partir do nada, a cidade que veio a ser um dos poderes dominantes de sua Itália renascentista.

Sua *História de Florença* é também um texto pleno de reflexões sobre a condição humana e a ética do poder. Merecem ser lidas. Mas seu destaque principal na obra é a dialética histórica que se exprime nas lutas internas entre as famílias. Maquiavel as nomeia uma a uma e as divide em seus respectivos partidos e alianças. Assim como ressalta o papel das 21 guildas de mercadores e artesãos com papel saliente na dinâmica das reivindicações.

O fato inspira outra má leitura de Maquiavel. Muitos críticos entenderam a ênfase nessas lutas lideradas pelos centros mercantis como expressão do moderno destaque dado ao papel da luta de classes na dinâmica da história. O que o situaria como autor que antecipava Marx.

Não me parece o caso. Maquiavel não é indiferente à luta de classes, mas sua preferência para definir as forças responsáveis pela dinâmica da história é claramente orientada para destacar o papel das lutas dentro do mesmo grupo, o das elites de poder, sendo que no caso de Florença, as lideranças das guildas eram parte dessas elites de comando. Daí sua distinção entre “povo” e “plebe”, essas sim formadas por grupos de trabalhadores eventuais, gente sem encaixe em nenhuma organização coletiva, soltos no mercado de pequenos serviços ou nos campos vizinhos. As lutas dessa plebe configuraria o conflito de classes no sentido marxista. Existem, sem dúvida através da história, desde as revoltas dos escravos às dos camponeses. Para Maquiavel são fenômenos de exceção. E não duram. Como exemplo cita o movimento dos “Ciompi”, profissionais que viviam do próprio trabalho em sua Florença, assim como os liderados por Cola de Renzo na Roma da Renascença e os grupos sob a liderança dos Gracos na antiga república romana. Não eram, nem de longe conflitos tão devastadores e fatais como as lutas dentro da nobreza, entre famílias rivais, com seus poderosos exércitos particulares de mercenários, dependentes, agregados e simpatizantes. Na vida prática o que decidia os destinos eram essas lutas e não o confronto entre as diversas classes sociais. Tanto em Florença, quanto em outras cidades italianas as lutas entre os clãs aguçaram-se ao se dividirem as famílias entre os Guelfos, simpáticos ao Papado e os Gibelinos, que tentavam a cooptação do Império. Como o faziam por motivos torpes e fúteis, Maquiavel usou o fato como exemplos da deformante condição humana. Não foi, portanto, um Marx *avant la lettre*. Se há algum sociólogo moderno com o qual merece ser comparado esse é seu compatriota o italiano Vilfredo Pareto. Pareto contestou Marx fazendo da luta interelites a força que moveu a história desde os mais remotos tempos dos confrontos entre realezas e dentro das próprias realezas, entre seus nobres e cortesãos.

Uma restrição merece ser feita à sua *História de Florença*. A despeito da inovação metodológica, é difícil entendê-la como uma “história de Florença”. Parece bem mais uma história restrita à “dinâmica política de Florença”. No poliedro da cultura coletiva a política não é mais que um dos seus lados.

Em sua história não há uma página sequer sobre o grande desenvolvimento artístico da época, os avanços da ciência que culminam na obra de Toscanelli, como não há menção sobre o trabalho de Ficino, de Pomponazzi, de Pico della Mirandola. Nem mesmo a arte de Dante e dos poetas do século XIII merecem qualquer destaque. Nem Petrarca e Boccaccio. Muito menos a grande arte do século XV que fez de Florença o centro do mundo civilizado. O que o preocupou foi dar base histórica factual e concreta as suas teses do *O Príncipe*. Até mesmo na curiosa compra e venda de cidades inteiras, como prática negociadora da política, bem como o comportamento submisso dos que dela dependiam, os não nobres ou *ignobili*, o povo de profissão individual e variada.

Há outro aspecto que danifica sua história. É a reprodução detalhada, usada por Maquiavel entre aspas, pretensamente para indicar sua veracidade, de discursos improvisados, feitos séculos antes e sobre os quais não há nem pode haver registros dignos de fé por falta de quem os fixasse com a precisão e rapidez com que eram pronunciados. Essas reproduções pretensamente textuais só podem ser entendidas como obra de um imaginário cintilante e criativo. Carece de precisão objetiva para quem deseja sentir e conhecer o contexto de sua magnífica Florença.

Já vimos que Maquiavel foi afastado da vida pública pelo retorno dos Medici em 1512. O que ocorreu foi o seguinte: Soderini, o amigo de

Maquiavel, decidira manter sua política pró-francesa. O Papa Júlio II que jurara livrar a Itália dos “bárbaros” invasores não aceitou o fato. Organizou uma Liga Sagrada com Espanha e Veneza e depois de uma primeira derrota acabou vencendo e expulsando os franceses em junho de 1512. Como resultado de sua vitória decidiu punir Florença. Enviou tropas espanholas para a cidade, afastou Soderini e estimulou os grupos internos que desejavam o retorno dos Medici. Com pompa e alegria retornaram ao poder florentino Giovanni de Medici e seu irmão Giuliano.

Na sequência dos acontecimentos Giuliano de Medici, como Leão X, assume o Papado sucedendo Júlio II e nomeia seu sobrinho Lorenzo, em 1513, para o poder supremo de Florença.

Suspeito de participar de uma conspirata anti-Medici, Maquiavel foi encarcerado e torturado no início desse mesmo ano. Libertado por inocência evidente, retirou-se para a propriedade rural da família, ao Sul de Florença. Na vida pública, com os Medici, não havia mais lugar para ele. Vivendo ali com a família, em silêncio respeitoso, iniciou a obra que o engrandeceu e tanto nos ensinou.

Na carta a seu amigo Francesco Vettori, então embaixador de Florença em Roma, nos relata a rotina dessa vida. Diz ele que retornava do trabalho diário em suas terras para recolher-se a seu escritório. Retirava de si as roupas cheias de lama e musgo para vestir-se com pompa e elegância, entrando no recinto sagrado de sua biblioteca. Era um ritual de reverência. Entre leituras e rascunhos numerosos, expunha suas ideias, reforçando sempre sua triste imagem da condição humana.⁷

Fato curioso é sua dedicatória do *O Príncipe* a Lorenzo de Medici, o neto, em 1516. Nela ficou evidente sua nostalgia da vida pública. Foi algo que sofreu de um dos piores pecados, o da inutilidade. O fato

não fez jus à clarividência de Maquiavel sobre a capacidade humana de manter na memória a força de certos rancores. Afinal essa havia sido sua reprovação a César Borgia. Condenou-o por apoiar o antigo inimigo, a quem tanto humilhara, o Cardeal Giuliano De La Rovere, para o papado. Maquiavel o reprova por esse engano trágico. Rancores antigos permanecem nas sombras da alma dos poderosos com obstinada perseverança. Júlio II, em uma de suas primeiras decisões, eliminou César Borgia assassinando-o. Sua análise da queda do amigo Soderini obedece ao mesmo critério. Soderini, com sua tolerância e paciência ante os defeitos alheios esquecera-se de ser temido. E de tratar seus inimigos com o rigor que a política exigia. Segundo a expressão de Maquiavel, Soderini não “matou os filhos de Brutus”. A ética do poder não perdoa generosidades a inimigos.

Por tudo isso sua dedicatória é uma triste comprovação de como a ambição de poder estimula o desengano.⁸ Pior ainda foi sua desculpa deprimente ao dizer que não é nenhuma presunção um homem de tão “baixa e ínfima extração social” ditar normas de conduta política aos príncipes.

Obviamente, depois dessa carta Lorenzo não se dignou sequer a ler o manuscrito. Colocou-o de lado. Esqueceu-o, assim como esqueceu seu autor. *O Príncipe* só logrou ser publicado mais uma vez pela ação de amigos, 5 anos após a morte de Maquiavel, em 1532, juntamente com sua *História de Florença*.

Seu outro trabalho sobre a dinâmica do poder, *Os Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* coloca os dilemas das repúblicas. Aparentemente foi escrito, pelo menos a primeira parte até antes do *O Príncipe*, embora terminada bem depois, em 1517. Referências contidas no *O Príncipe* autorizam essa afirmação. É o que se deduz do início

do Capítulo II. Nele Maquiavel justifica-se das razões pelas quais não aborda no *O Príncipe* os problemas das repúblicas, apenas os dos Principados. Diz simplesmente: “deixarei por ora a argumentação sobre as repúblicas pois já tratei longamente deste tema em outra oportunidade”.⁹

Seguiram-se suas outras obras entre elas a *Arte da Guerra*, também dedicada a um poderoso, Lorenzo Strozi, único texto sobre política publicado em vida, além de suas peças *Mandragola* e *Clizia*. O retiro ajudou-o a completar conceitos da sua *Década de Tito Lívio* e escrever o “Asinino”, um poema em verso que parece haver sido destinado a competir com Ariosto, a quem Maquiavel nutria um tipo de admiração competitiva. Nesse período final escreve também a *Vida de Castruccio Castracani* o mercenário de Lucca. Maquiavel desprezava o mercenário. Era defensor obstinado das milícias nacionais. Um povo sem armas próprias, povo dependente da competência estrangeira para lograr defender-se seria, para ele, um povo vulnerável e indigno de controlar o seu destino. Observação que serve perfeitamente para o Brasil do Império tal como nos revelou a colega Mary del Priori na palestra que antecedeu a esta sobre os desastros da Guerra do Paraguai.

Concluindo, parece pertinente observar que nem sempre os indivíduos que têm influência decisiva em seu mundo e em seus tempos, permanecem. É necessário algo mais para manter-se inteiro através dos tempos transformando-se em mestre da humanidade. A história só é Clio, a grande mãe da memória e da verdade coletiva, por saber resgatar do esquecimento o que os contemporâneos desprezaram como irrelevante. É uma ciência guiada pela pedagogia da justiça. Van Gogh serve como símbolo. Não vendeu um único quadro em toda a vida. Foi desprezado como homem e como artista. Só a história o resgatou revelando sua arte e suas ideias como expressões da grandeza

humana. Maquiavel, esquecido em seus anos finais, foi abandonado em sua pequena propriedade rural e julgado inútil para a vida pública florentina. Seus livros principais não foram publicados à época de sua vida. Não obstante, este homem de gênio foi resgatado pela deusa benigna da história para enriquecer nossos conhecimentos modernos. Soube tocar em algo que nos é sensível por ser verdadeiro. Consolidou em sua obra conhecimentos que tanto necessitamos cultivar nos dias de hoje sobre a corrupção de certos homens de Estado e a ética perversa de uma convivência viciada pelo imediatismo materialista, transformando o “outro” e sua vida em objetos manipuláveis. Para quem se dispõe a lê-lo e a interpretar suas mensagens, Maquiavel é fonte permanente de uma sólida e realista visão de mundo. Acima de tudo de nossa condição humana como filhos de um tempo que passa indiferente por sobre nossas vaidades fúteis e ambições irrelevantes, sem com elas se importar.

Notas

1 Para Maquiavel é importante o Príncipe obter a simpatia do povo sob seu governo. De outra forma será um tirano. Ver *O Príncipe*. 3. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2012. p. 79.

2 Ver GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no Renascimento Italiano*. São Paulo: UNESP, 1994, especialmente seu Capítulo II sobre os grandes chanceleres humanistas de Florença.

3 Para bons estudos em português sobre Maquiavel basta ver HALE, J. R. *Maquiavel e a Itália da Renascença*. Rio Janeiro: Zahar, 1963, e os mais recentes: SKINNER, Q. *Maquiavel: o pensamento político*. São Paulo: Brasiliense, 1998; RIDOLFI, R. *Biografia de Maquiavel*. São Paulo: MUSA, 2003.

4 Ver os *Discursos*, em qualquer edição, Livro I, Capítulo 3 e também o Capítulo 37 do mesmo livro.

5 Ver a frase nos *Discursos*, Livro I. Capítulo 3.

6 Ver *A História de Florença*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 77-79.

7 Ver NAJEMY, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Machiavelli*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2012. p. 15.

8 Carta de Maquiavel a Lourenço: *O Príncipe*, op. cit., p. 45-46.

9 *O Príncipe*, op. cit., p. 48.

Palestra pronunciada em 27 de agosto de 2013